

Irreversível

“Ou somos homens, ou somos mulheres.”

Virginia Woolf

“Quer chá?”

“Não quero nada”, Adriano, de braços cruzados, fala sem se virar. É um dia de inverno, de frio intenso, e ele está tão perto da janela que o ar expelido de sua boca embaça o vidro.

“Tome, amor... Acabei de fazer. Eu faço outro para mim.”

“Não aja como se nada tivesse acontecido.” Ele a observa pelo reflexo da esquadria.

“Você não vai me perdoar, não é?”

“Não há o que perdoar.” *Como um aceno, um gigantesco aceno em câmera lenta*, ele pensa ao observar um agrupamento de eucaliptos balançarem do outro lado da rua; eles balançam vagorosamente.

“Não fale assim.”

“A nossa história acabou, Verônica. Acabou.”

“Não fale assim, por favor.”

“Você não podia ter feito isso”, Adriano gira seu corpo em dire-

ção a ela. “Não com ele... Eu havia avisado você que esse cara não presta.” Ele fita Verônica. Logo, torna a ficar de frente para a janela e cruza os braços. Ódio, mágoa, amor, ressentimento, tudo se mistura em sua cabeça. Naquele caudal incessante, o ódio vem à tona, prevalece. Ela o conhece demais para não perceber a ira em seu olhar. Tenta fitá-lo; não consegue. As palavras saem embargadas.

“Amor, eu... Eu juro, eu juro que...”, ela segura o braço dele. Adriano se desvencilha com brusquidão.

“Não me chame de amor.” Colérico, o tom de voz dele não deixa dúvidas; é o timbre de um último encontro, de alguém tomado pelo rancor.

“Adriano, faça-me o favor... Assim, fica difícil a gente conversar.”

“Fale o que você ia dizer.” *É bem como a Esther me disse*, ele se recorda. *Homens e mulheres: água e azeite*.

“Eu não tive culpa.”

“Sim. Ele drogou você. Foi isso?”

“Não aja assim comigo, não depois de tanto tempo juntos...”

“É verdade... Seis anos jogados no lixo.”

“Eu estou sendo sincera, amor. Foi só...”

“N ã o m e c h a m e d e a m o r.”

“Assim, não vai dar para conversar. Eu vou embora.”

“Isso, Verônica, fuja... Aja como uma criança fugindo do que você fez.”

“Eu não tive culpa. Eu estava...”

“Não quero saber. Aconteceu. Você permitiu que acontecesse.”

“Não foi uma permissão.”

“Foi uma permissão. Sexo é permissão. Intimidade é permissão. Essas coisas só acontecem com a permissão das pessoas, com a vontade delas... O que foi então? Compaixão? Curiosidade? Ora, vá se foder.”

“Ele estava deprimido. Havia terminado com a Lúcia. E eu

também não estava bem, a gente tinha brigado, e eu bebi demais naquela noite.”

“Verônica, eu avisei você que esse sujeito sempre foi mal-intencionado... E, faça-me o favor, bebida não é desculpa para ninguém. Você não é mais uma adolescente. Sabe muito bem o que...”

“Ele é seu amigo. Você vivia saindo com ele até uns anos atrás.”

“Ele não é meu amigo. Acho inclusive que nunca foi... Inveja, inveja. É isso o que ele sempre sentiu por nós, por nossa família. Tentou transar com a minha irmã quando ela estava casada. Esse sujeito não presta. É um grande filho da puta.”

“Não fale assim, Adriano.”

“É um grande filho da puta, sim. Conheço esse sujeito... Eu não sei como eu fui tão compassivo com ele durante tantos anos. Eu já devia ter arrebetado a cara dele.”

“Ele é seu amigo... Disse que ainda gosta de você.”

Adriano dá uma risada irônica.

“Boa essa... É meu amigo e trepa com a minha mulher... O que é isso? Hair? Woodstock? Geração de 68? Amigo, amigo um caralho... E eu sei por que ele fez isso. Porque, anos atrás, a minha irmã deu um pontapé na bunda dele. É tudo por isso. Recalcado, ressentido de merda.”

“Isso pode ser inconsciente.”

“Inconsciente, inconsciente uma merda... Esse sujeito é uma das pessoas mais conscientes que eu conheço; consciente demais para o meu gosto... Eu sempre desconfiei que esse filho da puta fosse acabar aprontando para mim. Esse sujeito não existe. Aliás, existe somente para sacanear os outros. Trepou com a melhor amiga da Lúcia quando ela estava grávida. Não é por acaso que ela perdeu aquele filho; foi justamente na noite em que ela descobriu.”

“Eu não sabia disso.”

“Você não sabe um monte de coisas... E o irmão da Lúcia... Você não sabe também, não é?”

“O quê?”

“Ele colocou o Caio nas drogas, e em dois anos o Caio estava morto... Ele é doente, Verônica. Esse filho da puta é doente.”

“Ele estava mal, amor.”

“Mal... Mal um caralho. Esse cara é o tipo do sujeito que só sente prazer com a infelicidade dos outros. É um ator, Verônica. Aliás, um excelente ator, como todo grande filho da puta é. Deveria trabalhar numa novela. Cafajestes dão ibope. Transou com você para me sacanear, para foder com a nossa relação. Eu havia avisado você sobre ele... Filho da puta...”

“Ele estava mal. Disse que estava pensando em se matar... Juro por Deus.”

“Sim, e quem você pensa que é? Madre Teresa?”

“Ele estava deprimido, Adriano, no fundo do poço.”

“Deprimido, um cacete... Como você é inocente. Por que você acha que ele entregou a sua agenda para mim e não para você?”

“Você acha que foi de propósito?”

“Sua agenda, Verônica. Existe algo mais pessoal que uma agenda...? Garanto até que foi tudo planejado, que ele escondeu a sua agenda só para você se esquecer. Aquele filho da puta, manipulador...”

“Eu não devia ter bebido aquela noite.”

“Eu havia avisado você sobre esse cara.”

“Foi só uma vez, Adriano.”

“Drogado, desocupado de merda. Enquanto as pessoas estão trabalhando, ele fica tentando foder com a vida dos outros.”

“Não vai mais acontecer.”

“Você fez sexo oral nele?”

“Isso não se pergunta.”

“Ah, é... E onde está escrito isso? Na Bíblia? Na Torá? No Alcorão?”

“Adriano, não seja sarcástico, por favor. Já não basta a minha culpa? E, não, se é só isso que interessa. Eu não fiz sexo oral com ele.”

“Ele sabia que estávamos brigados. Ele pegou você no momento certo. E eu sabia que cedo ou tarde isso podia...”

“Está vendo? Até você está percebendo como as coisas aconteceram.”

“Isso não é desculpa. Você é minha mulher. Não podia ter feito isso. Não com ele.”

“Aconteceu. Só isso.”

“Verônica. Trinta e dois anos... Você não é nenhuma adolescente. Não pode simplesmente dizer isso: aconteceu.”

“O que você quer que eu diga?”

“Mulheres... Eu não consigo acreditar, eu não consigo compreender de onde vem essa compulsão de vocês para gostarem de filhos da puta.”

“Adriano, eu não gosto dele. Foi uma noite só. E eu já falei para você que eu havia bebido.”

“Sim, quer dizer que bêbado eu posso trepar com quem eu quiser... É bom saber. Vou começar a encher a cara todos os dias.”

“Não seja cínico.”

“Você me traiu.”

“Eu não sou perfeita. Sou de carne e osso.”

“Belo argumento. Também sou de carne e osso. Posso trepar com qualquer uma então?”

“Nós não estávamos bem.”

“Traição é traição.”

“Exatamente... Você já me traiu uma vez. Não se lembra?”

“É diferente. Nós estávamos brigados.”

“Nós também estávamos brigados no fim de semana passado.”

“Fazia uma semana que a gente tinha brigado, Verônica, uma semana. E daquela vez foi diferente, não distorça os fatos. Aliás, nós não estávamos brigados, nós estávamos separados. Você mesma disse que a gente não ia voltar mais. Além do que eu não traí você com uma amiga sua.”

“Traiu igual. Dá na mesma.”

“Não dá na mesma porra nenhuma. Não se faça de inocente, você sabe que não é a mesma coisa. E trair é diferente para homem e para mulher.”

“Era só o que me faltava...”

“Você me odeia, Verônica. A mulher só trai quando odeia.”

“Agora eu é que pergunto: onde é que isso está escrito? Na Bíblia? No Código Penal? Na Constituição?”

“Flaubert, Machado de Assis, Nelson Rodrigues... A lista é imensa.”

“Vai à merda, Adriano. Não me venha com os seus livros.”

“Vá você à merda, você e a sua ignorância.”

“Eu não te odeio, Adriano. Eu te amo.”

“Quem ama, não trai.”

“Quem ama, perdoa.”

“Não, Verônica, não. As coisas não são tão simples assim.”

“Eu não cometi um crime.”

“É como se fosse.”

“Não seja infantil. Você sabe que amor e ódio estão sempre juntos.”

“Não me chame de infantil. E não me venha com esse papo freudiano de linha tênue entre amor e ódio... Você sabe que homens e mulheres traem por razões diferentes.”

“Você está sendo chauvinista. Você é um machista, Adriano; eu não conhecia esse seu lado.”

“Mulheres são machistas... A sociedade é machista... A natureza é machista, Verônica.”

“Assim fica muito fácil me culpar.”

“É o amor da mulher que preserva a sociedade.”

“Besteira.”

“Não é besteira, Verônica. Sem o ‘não’ da mulher, sem a reserva da mulher ninguém teria paz, ninguém teria tranquilidade.”

“Eu poderia dizer o mesmo a respeito do homem.”

“Não seja ingênua. Você sabe que são coisas diferentes.”

“Você põe todo o peso da sociedade nas costas da mulher.”

“Sexo é diferente para homem e para mulher.”

“O tesão é igual para os dois.”

“Não se faça de inocente. Eu tenho um caralho, você tem uma boceta. O homem invade, penetra; a mulher é invadida, penetrada... Isso muda tudo; isso muda toda a percepção da vida... Você sabe que homens e mulheres pensam diferente...”

“Sim, e isso quer dizer o quê? Um mandamento? Mulheres devem ser castas, e homens, promíscuos.”

“Não distorça o que estou tentando lhe dizer. Você é inteligente o suficiente para compreender isso. E não é sobre castidade que estou falando, é sobre lealdade. São coisas bem distintas.”

“Eu não posso acreditar no que eu estou ouvindo.”

“Você acredita no que quiser. E pare com o teatro, faça-me o favor. Não manipule a conversa. Você sabe muito bem o que você fez.”

“Você está colocando todo o peso, toda a responsabilidade nas costas da mulher.”

“Sim. Vocês não são o sexo forte?”

“Não seja ridículo. Não me venha com clichês desse tipo.”

“Você sabe como as coisas são, Verônica. Se vocês cedessem a toda as cantadas de Don Juans narcisistas, de Peter Pans ego-

cêntricos como esse filho da puta, não haveria sociedade, não haveria civilização.”

“Homens podem trair, mulheres não.”

“Não estou dizendo isso, eu estou dizendo que não existe amor que resista à traição. É bem diferente.”

“Você quer o quê? Que eu me mate?”

“De você, eu não quero mais nada.”

“Foi uma vez só, Adriano.”

“É o suficiente.”

“Não seja tão intolerante. Nós não estávamos bem.”

“Isso não lhe dava o direito de me trair. Você estragou tudo.”

“Não me olhe assim.”

“Você estragou tudo, Verônica.”

“Você acha que eu estraguei tudo?”

“Você não se lembra da fábula do vaso de porcelana? Da escolha do guardião”

“Aquela história japonesa?”

“Sim.”

“Lembro que você me contou, mas não me lembro dela.”

“O guardião de um mosteiro morreu, e o mestre budista reuniu seus discípulos para substituí-lo.”

“Sim, e ele coloca um vaso de porcelana na frente deles. Não é isso?”

“É. Daí, diz que eles têm um problema e devem resolvê-lo. O vaso é todo ornamentado e muito raro. E eles ficam horas a pensar no que seria o problema até que um deles se levanta e quebra o vaso com sua espada. Então, ele é escolhido o novo guardião do templo.”

“Sim, mas o que isso tem a ver conosco?”

“Você teve coragem para quebrar o vaso.”

“Ah, Adriano... Não me venha com fábulas para explicar a nossa relação.”

“Isso não é uma simples fábula, isso é sabedoria, sabedoria milenar: a arte de ver a essência das coisas, de vê-las como elas são. Estava tudo difícil entre nós, mas”, Adriano hesita durante um instante. Logo a encara novamente. “Bastava não trair, Verônica. Bastava não trair; só isso.”

“Você sempre está com a razão. Não é verdade?”

“Você não tem argumentos e usa esse chavão.”

“O que você quer que eu diga?”

“Para mim, você não precisa dizer mais nada.”

“Não seja intolerante.”

“A nossa relação estava se tornando um problema. Você quebrou o vaso. Você teve coragem para quebrar o vaso.”

“Não fale assim.”

“Você está livre. Pode ir embora.”

“Não fale assim, por favor.”

“Você estragou tudo.”

“Você acha que eu estraguei tudo?”

“Vá embora, Verônica. No fim de semana, você volta para pegar as suas coisas.”

“Não fale assim.”

“Deixe as chaves.”